

## Percurso fenomenológico

*Prof. Dr. José Mauricio de Carvalho*  
(UFSJ - São João del-Rei - MG - Brasil)  
[mauricio@ufsj.edu.br](mailto:mauricio@ufsj.edu.br)

**Resumo:** Neste artigo estudamos a emergência da fenomenologia como método de estudo e como filosofia, indica-se as dificuldades que ela procurou responder, as soluções que elaborou e seu emprego como fundamento das ciências humanas, notadamente da Psicologia.

**Palavras-chave:** Filosofia; Fenomenologia; Ciências Humanas.

### 1. Considerações iniciais

O homem do século XX passou por profundas dificuldades e rápidas transformações no modo de vida. Podemos lembrar alguns desafios que enfrentou: Guerras de extensão inimagináveis, revoluções, como a soviética, de vastas consequências político-sociais, mudanças no mundo do trabalho e estrutura familiar, conflitos e disputas políticas que levaram ao surgimento de novos Estados, desconfiança dos valores herdados de gerações anteriores, suspeita das crenças vigentes, inclusive religiosas, além de duvidar de saberes tidos como inquestionáveis durante toda a modernidade. Tantas mudanças promoveram angustiada procura pela satisfação imediata, pouco importando as consequências. O primeiro resultado deste ambiente foi a sensação de crise pessoal e de civilização. Tantas variações também revelaram a ausência de um sentido pronto ou confiável para a vida, além daquele que pudesse ser elaborado pelas pessoas.

A fenomenologia nasce como método e como filosofia como resposta a este tempo. Apresenta-se como novo modelo para pensar a realidade, de justificar a ciência, de tratar realidade e verdade, de conceber valores.

Ao ser aplicado à realidade do homem, o método dá origem ao movimento fenomenológico-existencial, um esforço de valorização da subjetividade em situação e de pensar sobre a transcendência do homem. A vida autêntica não parece possível estar fora da consciência, nem num espírito independente da situação vivida. O desafio é descrever a existência humana de uma forma inteiramente nova.

Vamos indicar neste trabalho os elementos que promoveram a crise de fundamento no século passado, indicar como a fenomenologia surge para superar os problemas listados, como ela se aproxima das filosofias da existência e fundamenta as emergentes ciências do homem. Hoje em dia, embora distante dos fatos que promoveram a crise indicada, estamos num ambiente com

dificuldades semelhantes. De modo geral, permanecem atuais as indicações da fenomenologia como método e como filosofia.

## 2. O ponto de partida: Husserl e os dilemas da filosofia contemporânea

A fenomenologia é uma tentativa de resposta ao confronto das concepções metafísicas materialista e idealista<sup>1</sup> decorrente do embate entre o neokantismo e a concepção positivista de ciência, que vinham do final do século XIX. Ao estabelecer leituras da realidade opostas esperavam, idealismo e positivismo, fundamentar a ciência moderna. O propósito se mostrou inadequado depois das descobertas da Física, Química e Biologia que apontavam para a impossibilidade de alcançar o fundo de matéria<sup>2</sup>. Na avaliação de Karl Jaspers, conforme ele explica na *Introdução ao pensamento filosófico*, os estudos de Física no início do século XX levaram: “ao colapso da ideia de que a matéria constitui o fundamento obscuro de tudo quanto existe. Ao contrário, a matéria se abre para a pesquisa *ad infinitum*; não mais é concebida como substância primária” (JASPERS, 1993, p. 17-18). As pesquisas de Química e Biologia também colocaram em questão a gênese da vida, com os químicos produzindo corpos orgânicos em laboratórios.

A visão materialista e positivista do universo e a construção transcendental de Kant, que também tentou fundamentar a ciência moderna, promoveram nela uma crise de fundamento. Crise que não atingia a eficácia do conhecimento científico ou do seu valor para a humanidade, mas destruía seu fundamento. Crise de fundamento alcança a noção de realidade, a imagem que dela possui uma dada geração e do que é a verdade para ela. Não há mais um critério possível que parta de um mundo pronto e definido sem a presença e forma da compreensão humana (positivismo), mas o real na consciência também não é só pensamento como queria o idealismo. Eis o exagero representado pelo idealismo, tomar a realidade resultante de objetos ideais, o que é um tipo de subjetivismo teórico, ou assumir as ideias como esquemas impostos ao mundo, onde o que vale é o dever ser e chegar-se, assim, a um idealismo prático.

O impasse metafísico afetava o entendimento humano do mundo, pedia nova forma de conhecer e de se relacionar com as coisas, demandava outra fundamentação para a ciência. No

---

1 A escola fenomenológica rejeita a visão historicista do idealismo, mas não deixa de reconhecer a historicidade da consciência, como se mostra em *História da filosofia e tradições culturais*. Registre-se as diferenças: (a) para a fenomenologia o diálogo com o passado é sempre fruto de uma consciência singular e situada em algum ponto da história, levando a conclusão (b) de “que não há conquistas definitivas, sistemas terminantes, e novas interpretações podem revelar aspectos ocultos no passado” (CARVALHO, 2001, p. 26).

2 Ortega y Gasset em *Que é filosofia?*, disse, na ocasião, que a nova compreensão da realidade “trouxe a crise de princípios – a *Grundlagenkrise* – que hoje padece a Física e é uma venturosa doença de nascimento” (ORTEGA Y GASSET, 1971, p. 40).

entanto, a crise de fundamento da ciência era uma crise da razão que colocava em dúvida crenças muito profundas ou verdades muito arraigadas. O fato significava questionar verdades tidas como absolutas e atingia também os valores. Procedimentos e costumes passaram por avaliação e culminaram na pergunta pelo sentido da existência pessoal e da história humana. O homem as constrói com suas escolhas numa jornada temporal onde se sucedem as gerações.

O que Edmund Husserl diz da crise de fundamento? Ele avalia que a redução do real à matéria, aos números e aos valores religiosos já não fazia sentido para seu tempo. Considera que é o mundo vivido concretamente pelo sujeito o fundamento que passa despercebido pelas gerações que identificaram real com a Física de Galileu e Newton. Tais gerações consideravam verdade o que podia ser reduzido às regras da Matemática<sup>3</sup>. É o que explica o sucesso da disciplina, diz Ortega y Gasset no livro *La idea de principio em Leibniz y la evolución de la teoría deductiva*: “Durante os séculos XVI e os primeiros traços do XVII, as ciências matemáticas, em que estão incluídas a Astronomia e a Mecânica, logram em desenvolvimento prodigioso” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 73). Ortega y Gasset propôs a diferença entre o que pensavam os homens do seu tempo em relação à Física de Galileu e Newton. Esclarece: “a Física atual não pretende ser presença da realidade no pensamento, posto que este, na teoria física, não pretende estar em correspondência similar com ela” (*Ibidem*, p. 17).

As limitações decorrentes da matematização do real são: a abstração da qualidade sensível do ente e/ou da iniciativa do sujeito, levando aos limites do materialismo positivista e do idealismo absoluto.

### 3. A fenomenologia como solução dos dilemas mencionados

No comentário que elaborou na publicação brasileira da famosa palestra de Edmund Husserl, pronunciada em 1935 no *Kulturbund* de Viena, Urbano Zilles resume o propósito do criador da fenomenologia do seguinte modo:

Husserl elabora uma ontologia de mundo da vida na qual tenta superar o antagonismo entre o objetivo-naturalista e o subjetivo-transcendental do pensamento moderno. Enraíza tanto a explicação das ciências naturais como a compreensão dos valores culturais, lutando contra a absolutização do paradigma científico (HUSSERL,

---

<sup>3</sup> Ortega y Gasset esclarece em *La idea de principio em Leibniz y la evolución de la teoría deductiva* que “este radicalismo nos legou Galileu. Ele pensava que os teoremas geométricos valiam, sem mais, para os fenômenos físicos, que eram *a priori*, e sem mais, leis físicas, tão elementares que bastava a Física supô-las” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 76).

1996, p. 8).

Não se pode perder de vista que o surgimento das chamadas ciências humanas radicalizaram os problemas da razão nascidos nas ciências da natureza. O processo de matematização do real inadequado para a Física contemporânea era ainda mais insuficiente quando se tinha em vista, por exemplo, a psicologia humana. O espírito, mais do que a natureza, não se identifica com a matemática. Ao evitar a matematização do psíquico, Husserl coloca a questão num outro patamar, conforme aponta Emmanuel Lévinas: “não é pelo fato de refletir-se que se define a relação entre o objeto e o pensamento, mas pelo sentido do objeto e de sua existência” (LÉVINAS, 1949, p. 27).

A questão como a colocou Lévinas incorpora as meditações de Martin Heidegger e representam uma extensão da compreensão fenomenológica ao ato de pensar. Fiquemos em pouco mais com Husserl para entender como ele procura resolver os impasses da razão.

O caminho traçado por Husserl passa pela ideia de intencionalidade. E o que é intencionalidade? Ele esclarece que se trata da aposição de sentido. A consciência quando pensa o mundo dá-lhe um significado, sujeito e objeto não mantêm relação de causalidade, contiguidade ou de cópia do real. Tornou-se comum dizer que a consciência fenomenológica é “consciência de” para deixar claro que o sujeito põe um sentido nas coisas, não há consciência vazia de sentido sobre o objeto ou mundo. De um lado, isto significa que a consciência para Husserl é uma totalidade, dar sentido significa que se trata de um todo irreduzível às suas partes, desqualificando as tentativas neoempirista, pragmatista e behaviorista, de abordar partes da consciência. A escola fenomenológica e gestáltica inauguram, com o método de Husserl, uma nova forma de estudar os fatos psíquicos com base no princípio que o todo é mais que a soma das partes<sup>4</sup>. Sobre psicologia fenomenológica voltaremos adiante.

A intencionalidade para Husserl não é um evento psicológico, mas transcendental<sup>5</sup>. O que isto significa? Para Husserl o sentido dado pela consciência é que unifica as múltiplas percepções

---

4 Os principais representantes da Gestalt são Max Wertheimer, Wolfgang Köhler e Kurt Koffka. A eles se associou Kurt Lewin com seus estudos da percepção. Lewin explicou que a percepção é resultante das relações entre os elementos perceptivos. Hall e Lindzey resumem a ideia de campo total da consciência lembrando que o comportamento é função do campo e que ele começa com a situação como um todo. Escrevem: “o campo é definido como a totalidade dos fatos coexistentes, concebidos em termos de mútua interdependência” (HALL; LINDZEY, 1973, p. 234).

5 Nas *Meditaciones cartesianas*, Edmund Husserl diferencia a reflexão psicológica da transcendental afirmando que esta última abandonamos a experiência psicológica com a *époche*. Diz: “A experiência assim modificada, ou seja, a experiência transcendental consiste então, podemos dizer, em contemplar o cogito já reduzido transcendentalmente e em descrevê-lo, porém sem que nós, enquanto sujeitos que pensamos, coexecutemos a posição natural do ser que está contida na percepção originariamente leva a cabo de modo direto, posição que o eu havia levado a cabo efetivamente ao viver de modo direto imerso no mundo” (HUSSERL, 1986, p. 48).

de mundo. Intencionalidade é ir além do ato perceptivo ao chegar ao sentido que as coisas possuem para mim, é ir além das impressões que as coisas fornecem. Com a intencionalidade a compreensão da subjetividade transcendental elaborada por Descartes e Kant ganha nova leitura e fica diferente. Chega-se a um novo fundamento para as ciências e para delimitar a verdade. É o que diz Fabiano Lana no livro *Riobaldo agarra sua morte*: “Edmund Husserl condenou a ideia de que estejamos objetivamente separados das coisas. No lugar desta concepção que remete no mínimo a René Descartes, (...), a Fenomenologia propõe integrar nossas mentes com o mundo” (LANA, 2010, p. 109). É isto significa dizer que a consciência é intencional.

O sentido da intencionalidade coloca em questão a verdade, pois, como impedir que se perca a significação e a existência mesma das coisas? Como não se perder num sentido particular que afasta o sujeito do mundo?<sup>6</sup> Husserl procurará superar estas dificuldades com a chamada redução fenomenológica. E o que ela é? Reduzir é colocar entre parêntesis o mundo dos objetos e o fluxo das impressões do sujeito. Com a redução se afasta tanto o que as coisas são em si, como a consciência que as concebe, mas que deixa de considerar a criação e passa a tomá-la como realidade existente, independentemente dela.

Com a redução fenomenológica, Husserl afasta da consciência o que não tem sentido. A redução é uma espécie de distanciamento do que das coisas há na consciência, de modo que seja possível contatar a essência delas. E como se faz isto? No livro *Compreender Husserl*, Natalie Depraz resume o processo: “Dando sentido à minha percepção deste livro que está à minha frente, descubro-lhe a vivência, isto é, desta forma faço surgir uma relação-a-si, diante de todos esses encontros fatuais se aloja a sua essência, ou ainda sua qualidade única de verdade: eu libero a intimidade do universal” (DEPRAZ, 2008, p. 38).

#### **4. Filosofias da existência e fenomenologia**

A meditação de Edmund Husserl, a sua compreensão de crise da razão e a solução que propõe para ela, propicia o uso do método fenomenológico para tratar da existência humana. Tal fato levará à formação da filosofia fenomenológica existencial. Dois pensadores alemães são fundamentais nesta passagem: Martin Heidegger e Karl Jaspers. Eles são nomes marcantes, embora existam outros pensadores no movimento, como Jean Paul Sartre e Albert Camus, na França e

---

<sup>6</sup> Fabiano Lana mostra o vínculo entre intencionalidade e situação do seguinte modo: “Esse estar no mundo da Fenomenologia se dá na forma como intencionamos as coisas, seja de forma presente – quando vejo e toco uma capa de um livro na minha frente – seja de forma ausente – quando me lembro de uma passagem qualquer dentro do mesmo livro” (LANA, 2010, p. 109).

Delfim Santos, em Portugal.

No livro *A ideia de filosofia em Delfim Santos* indica-se a inspiração fenomenológica existencial de seu pensamento. Esta característica brota do diálogo que ele faz com Martin Heidegger e Karl Jaspers. Cito palavras de Delfim Santos retiradas do livro: “o que Heidegger pretende com sua obra, até agora incompleta, é tratar o problema da existência, como Kant tratou o problema da razão” (CARVALHO, 1996, p. 34). Isto representa uma avaliação da filosofia heideggeriana como uma revolução, diz Delfim Santos: “a existência não é um acidente a atribuir a essência, mas a essência é tributo do existente” (*Idem*, p. 34). Por sua vez, ele destaca do legado de Jaspers o entendimento de que a consciência fenomenológica existencial pretende rever o significado de razão. Afirma no prefácio que preparou para *Razão e contra-razão no nosso tempo*: “Não é certo que a filosofia existencial, de que o autor foi um dos mais destacados representantes, considera a razão instrumento insuficiente para clarificação, orientação e compreensão da existência?” (JASPERS, s.d., p. 8) e mais adiante resume a posição de Jaspers do seguinte modo: “compreende-se que nem sempre a razão possa dominar a contra-razão e em certas épocas é esta vitoriosa. Segundo Jaspers, é o que acontece no nosso tempo” (*Idem*, p. 9).

Ao aplicar o método fenomenológico à existência, Martin Heidegger encontra um homem que perdeu a confiança nos valores e crenças que herdou. Encontra-se num mundo estranho e desconhecido. Nada lhe soa confiável ou estável. Delfim Santos explica a relação entre a crise apontada por Edmund Husserl e o limite da razão, como resume em *A ideia de filosofia em Delfim Santos*: “o estar no mundo coloca o homem perante si e sua situação numa posição que o preocupa pela radical estranheza do seu intuito de compreensão” (CARVALHO, 1996, p. 31). Como este também é percebido inacabado, impunha-se a tarefa de construí-lo. Viver é, pois, voltar-se ao futuro, fazer a existência. Para Heidegger, existir é a possibilidade de alterar o futuro para realizar o que se é, para executar um projeto singular.

A realização do projeto aloca o homem diante de uma existência marcada pela consciência de sentido. O homem não dispõe de razão prévia, será o que fizer de suas possibilidades. Neste sentido, lança-se ao que é possível, escolhe entre o que pode e marcha em direção ao que ainda não existe. O significado da existência nasce da realização dos projetos que ele concebe. São os projetos que dão razão ao mundo, que carece de sentido sem eles. É o que esclarece Luís de Araújo em *Sentido existencial da Filosofia*: “Caminhante entre o nascimento e a morte, inquieto e imerso numa circunstância de coisas silenciosas, qualquer ser humano se vê a braços com a inexorável tarefa de construir um significado mais ou menos pleno para sua intransferível vida” (ARAÚJO, s.d., p. 9).

A realização deste sentido não tem garantia ou fiador. Por isto, o homem se perde todo o tempo, perde-se em suas dores e confusões, vive ocupado com o cotidiano e se esquece do projeto que o singulariza, e se torna uma coisa entre outras. Afasta-se do que seria uma existência autêntica. O resultado desta perda é a angústia. Para Heidegger, a angústia tem significação ontológica, ela revela a estrutura do ser ou do humano.

Um dos aspectos da existência é que ela se depara com o nada, o que é superado pelo sentido que o homem lhe atribui. Sem razão a vida volta ao nada. A construção do sentido leva os rumos possíveis da existência no confronto com a morte. Em outras palavras, dar um sentido à existência significa dar significado à morte, à morte de cada um, a morte que só o indivíduo pode experimentar: isto é, a sua morte singular.

O desafio de viver consiste na superação da subjetividade isolada com o ir até o mundo, no recuperar o passado<sup>7</sup>, no ato de transcender o presente em direção ao futuro, no mergulho até a raiz do ser. A morte revela as possibilidades da existência e arranca o homem da situação em que se encontra, obriga-o a pensar sua vida e a lhe dar rumo.

A filosofia fenomenológica existencial com as tensões resumidas no parágrafo anterior pela transcendência no tempo, na ida até o outro e o mundo elege alguns temas para meditação<sup>8</sup>. Na síntese feita por Roger Garaudy, são temas fundamentais da fenomenologia existencial: “os temas negativos e pessimistas que exprimem o desdobramento do mundo objetivo de verdades e valores na crise geral” (GARAUDY, 1966, p. 55), os temas de superação de limites ou transcendência e “os temas negativos, temas do desespero e temas da ação que aparecem como dois polos, dois limites, no interior do tema fenomenológico que lhes constitui a unidade” (*Ibidem*, p. 57).

## 5. Fecundas possibilidades da fenomenologia: Ortega y Gasset fenomenólogo

Ortega y Gasset elabora no *Prólogo para alemães*<sup>9</sup> e no livro *La idea de principio en Leibniz*, uma crítica à fenomenologia. Ele e seus colaboradores mais próximos, como Julian Marias,

---

<sup>7</sup> Fabiano Lana mostra o vínculo entre intencionalidade e situação do seguinte modo: “Esse estar no mundo da Fenomenologia se dá na forma como intencionamos as coisas, seja de forma presente – quando vejo e toco uma capa de um livro na minha frente – seja de forma ausente – quando me lembro de uma passagem qualquer dentro do mesmo livro” (LANA, 2010, p. 109).

<sup>8</sup> Na *Iniciação Filosófica*, Karl Jaspers resume estes temas para meditação no autoexame: “examinou o que foi falso, aquilo que menti a mim próprio, em que usei de subterfúgio, em que fui insincero” (JASPERS, 1987, p. 111); na consciência do desafio transcendente e “do que tenho que fazer no presente” (*Ibidem*, p. 112).

<sup>9</sup> O *Prólogo para os alemães* foi elaborado como introdução ao livro *El hombre y la gente* e causou enorme repercussão. Foi elaborado para explicar o que Ortega y Gasset pensava da fenomenologia. Encontra-se publicado no v. VIII das *Obras Completas*, publicadas pela Alianza Editorial de Madrid, em 2ª reimpressão, no ano de 1994.

entendem o raciovitalismo alternativa à fenomenologia<sup>10</sup>. Contudo, estudos recentes, tome-se por referência os trabalhos de Javier San Martín Sala, mostram que Ortega y Gasset pode ser compreendido como um tipo de fenomenólogo. Na comunicação *Ortega como fenomenólogo*, apresentada no *Colóquio José Ortega y Gasset*, ele escreve: “vou tratar (...) de mostrar os elementos básicos da fenomenologia de Ortega y Gasset, pelo que deve ser inscrito, sem dúvidas nem reticências, no momento fenomenológico” (SALA, 2007, p. 27)<sup>11</sup>.

O ponto central das críticas de Ortega y Gasset a Husserl decorre da visão que elaborou da fenomenologia, que era difícil de entender e possuía pontos obscuros quando Ortega y Gasset a conheceu. Exemplo disso é a interpretação que Ortega y Gasset faz da consciência transcendental fenomenológica, que lhe parece equivaler à compreensão kantiana do assunto. Ortega y Gasset a toma como não executiva, mas, observa Sala, a consciência fenomenológica é: “sempre executiva, nas suas tomadas de decisão que vão configurando a realidade biográfica que somos” (*Idem*, p. 35). Os outros dois pontos da crítica a Husserl são: a ausência de consistência sistemática da fenomenologia e a sua falta de perspectiva histórica. Sala rebate também estes dois pontos dizendo que embora a obra de Husserl possa ser considerada pouco sistemática, “a fenomenologia como tal seguia estrutura muito rigorosa” (*Idem*, p. 37). Quanto à consciência histórica, está claramente posta na obra de Husserl, mas Ortega y Gasset avalia que os textos onde Husserl examina o assunto são de autoria de Eugen Fink.

Superadas as principais críticas orteguianas à fenomenologia indica-se os pontos em que sua filosofia assume contornos fenomenológicos. São eles os seguintes: colocar na vida pessoal a objetividade das coisas na consciência, descrição exaustiva da situação obtida pelo olhar desinteressado do Espectador que espera ver o que as coisas são e descrição da vida como jornada única e em solidão radical.

A leitura atual da obra orteguiana mostra que ele, como os existencialistas, valeram-se da fenomenologia para pensar o homem em situação. No caso de Ortega y Gasset também para propor

---

<sup>10</sup> Considere-se o texto *Consciência e realidade executiva*, capítulo do livro *Acerca de Ortega*, onde Julian Marias contrapõe a ideia de redução transcendental de Edmund Husserl e a consciência executiva. Ali afirma: “em 1914, quando a teoria fenomenológica só tinha um ano, Ortega superou a noção de redução e consciência, para afirmar a realidade pessoal e executiva da vida humana” (MARIAS, s.d., p. 147).

<sup>11</sup> A argumentação desenvolvida no artigo foi significativamente ampliada no livro *La fenomenologia de Ortega y Gasset*, publicado em Madrid pela *Fundación Ortega y Gasset* em 2012 e examinado em resenha crítica de Sônia Ester Rodríguez García intitulada *Ortega, fenomenólogo*, que realça do livro quatro pontos caracterizadores: “Ortega (1) leva a fenomenologia da percepção à cultura para (2) fazer uma filosofia da cultura centrada na realidade, (3) elaborar o caminho fenomenológico da filosofia e (4) realizar uma aplicação prática da fenomenologia na política e estética” (GARCÍA, 2012, p. 222).

uma filosofia da cultura capaz de ordenar o mundo percebido<sup>12</sup>.

## 6. Fenomenologia e Ciências Humanas, a consagração do método

No capítulo IV de *Fenomenologia e Ciências Humanas*, Creusa Capalbo examina o uso da fenomenologia nas ciências humanas. Qual a novidade da fenomenologia? A fenomenologia existencial considera que a existência do sujeito ilumina a realidade. Esta maneira de pensar transforma o modo como a filosofia moderna tratou a experiência, objetivando-a até transformá-la pela técnica. Ao considerar a existência humana como base do pensamento, fica claro que o mundo só nos chega pela intermediação do corpo. É o que propõem os fenomenólogos, os atos significativos nos chegam pela experiência corporal. É através do corpo que se dá o diálogo entre pessoas. Emmanuel Lévinas em *Humanismo do outro homem* nos mostra o significado da intermediação do corpo na formulação de sentido. Afirma:

A visão, por essência, estaria ligada ao corpo, dependeria do olho. Por essência, e não apenas de fato. O olho não seria o instrumento mais ou menos aperfeiçoado pelo qual, na espécie humana, empiricamente, a operação ideal da visão alcançaria seu objetivo, captando, sem sombras e deformações, o reflexo do ser. E o fato da totalidade transpor o dado sensível, como o fato de a visão ser encarnada, pertence à essência da visão (LÉVINAS, 1993, p. 30).

A fenomenologia existencial é a melhor forma de explicar o encontro entre pessoas. Sem a decisão de empreendê-lo o encontro humano não revela todos seus aspectos, sem o empenho de realizá-lo, ele não se concretiza; logo, ele nasce da decisão e do empenho de realizá-lo. A aproximação entre os indivíduos só é possível por conta da comunicação.

Os símbolos usados na comunicação demandam uma hermenêutica e a fenomenologia é esta chave de compreensão. No caso da Psicologia, a fenomenologia pode ser empregada para descrever a existência e os transtornos psíquicos. Diz Capalbo que os símbolos verbais esclarecem o sentido velado dos atos, o que mostra que a fenomenologia influi até nos estudos de Psicanálise. Eis como ela comenta, como já resumimos em outra oportunidade:

A referência mítica a Narciso representa a tendência humana de satisfazer-se mergulhado no interior de si, ao contrário de Prometeu,

---

<sup>12</sup> No livro *L'humanisme d'Ortega y Gasset*, Charles Cascalés explica o papel da cultura no raciovitalismo. Cultura está associada aos valores que o homem cultiva e que entram e passam a fazer parte da sua vida. Diz Cascalés: “a cultura designa o conjunto de atividades humanas que resultam do esforço da superação da existência singular em direção aos valores” (CASCALÉS, 1957, p. 66). Sem os valores, que dão contorno à cultura, o mundo das percepções seria um caos, ou melhor: “não existiria um estado de mundo ordenado e unificado, se a cultura não viesse lhe emprestar um sentido (à percepção), uma forma e uma dignidade” (*Idem*, p. 65).

cuja realização vem pelo esforço, labor e progresso. Eros é o símbolo da vida, ao qual Freud opôs o Thanatos que o reprime. Freud criou uma explicação dinâmica da consciência identificando três forças em oposição, o *id*, ou princípio do prazer; o *ego*, ou princípio da realidade; e o superego, mecanismo de introjeção e controle do *id*. No sentir de Freud, o superego tem valor enquanto orienta a libido a criar cultura, defendendo o ego dos impulsos irrealistas do *id*. A sociedade daí nascida promove a repressão do instinto de prazer, mas propicia uma relativa satisfação das necessidades sem as quais acabaria destruída. A interpretação de Freud foi notável porque ele observa que a estrutura da personalidade não está pronta no início da vida, como se pensava naquela época (CAPALBO *apud* CARVALHO, 2001, p. 445).

O que Capalbo sugere é que a psicanálise é uma espécie de fenomenologia da linguagem e pretende revelar as formas inconscientes da personalidade para compreender as manifestações conscientes. É o que também diz Maria Inêz Lodj no artigo *A escrita na psicanálise*:

Uma análise há um esforço por desatar um nó que vem trazendo sofrimento pelo modo como o sujeito arranja seu imaginário – suas lembranças e certezas sobre o que o outro quer dele – com o que é possível simbolizar e dizer sobre isso, e com os pedaços dos encontros traumáticos que ele guardou em sua vida. O sintoma é o enodamento que foi possível fazer e, por isso, podemos considerá-lo uma escrita. (...) A escrita está aí, nessa construção e num outro enodamento que resulta da análise (LODJ, 2006, p. 5).

No empenho de desmistificar os símbolos, a psicanálise descobre que eles variam no tempo. O uso terapêutico dos símbolos mostra que eles não podem ser substituídos nem devem ser traduzidos. É o que também ensinou a fenomenologia, retomar o valor simbólico dos mitos para diminuir as ilusões do homem. A interpretação dos símbolos não os substitui, fornece um código para revelar o que se passa na consciência ou na história humana. O mito de Édipo é símbolo da destruição da figura paterna e do propósito de assumir o seu lugar. O resultado desse processo foi a criação da vida social e política, cuja estrutura civilizacional é extensão do conflito psíquico representado pelo mito edípiano. “Outro tronco que emerge do relacionamento do superego com o mito de Édipo é a religião” (CAPALBO, 1996, p. 76). A figura paterna eliminada do convívio social ressurgiu de forma idealizada e se exprime nos cultos religiosos. A interpretação dos símbolos para a psicanálise tem um papel importante na vida humana porque os símbolos não representam o que está definitivamente superado, mas o que em cada homem ressurgirá no futuro, isto é, o mito de Édipo traduz uma situação existencial. O mito do Thanatos, sua superação do Eros, traduz a doença da civilização ou o mal estar do homem sufocado nos seus desejos mais vivos.

## 7. Fenomenologia e Psicologia fenomenológico-existencial

Em *Fenomenologia e Ciências Humanas*, Creusa Capalbo examina as aplicações do método fenomenológico à psicologia existencial. Além de influir em vertentes da Psicologia como a Psicanálise, a fenomenologia existencial levou ao surgimento de uma escola psicológica estreitamente ligada a seus pressupostos. Um exemplo desta contribuição é a obra do médico e filósofo Karl Jaspers<sup>13</sup>. Ele emprega o método fenomenológico para descrever os fatos psicológicos. Trata-se de procedimento concreto para tratar a totalidade da existência e seu significado último. O valor do método se revela na objetividade que propicia no estudo da consciência, convertendo-a em objeto que pode ser experimentado pelo terapeuta. Porém isto não é tudo, ao tomar ciência do objeto da consciência do outro, o terapeuta passa a entender o mundo dele, perceber como ele se articula psicologicamente.

A existência singular possui um aspecto fundamental: a possibilidade da transcendência, que na leitura de Karl Jaspers significa a possibilidade do sujeito sempre experimentar a liberdade<sup>14</sup>. Assim, sendo possível compreender o mundo do outro e seu funcionamento psíquico é importante perceber que ele possui um espaço de liberdade pessoal que está fora da atuação terapêutica.

O método fenomenológico trabalha com o suporte pré-racional, permitindo que o terapeuta observe que o material extra consciente é fonte da criatividade. Também revela os riscos que este material representa para o futuro da civilização, em leitura similar à psicanalítica.

Como se aproximaram as duas chaves hermenêuticas: fenomenológica e psicanalítica? Creusa Capalbo esclarece no livro mencionado que o que aproxima a hermenêutica psicanalítica da fenomenológica é a referência comum a Teodoro Lipps, autor de *“Fatos fundamentais da vida psíquica”*. Foi Lipps quem sugeriu a Sigmund Freud a doutrina do inconsciente, permitindo que a hermenêutica psicanalítica pudesse se converter em doutrina da natureza humana. Por sua vez, este assunto aparece na fenomenologia de Edmund Husserl no conceito de intencionalidade latente, que representa, no universo fenomenológico, a presença dos conteúdos inconscientes. Na *Psicopatologia Geral*, Karl Jaspers trata a intencionalidade latente como conteúdos extra conscientes. Ele afirma:

---

13 Em *Filosofia e Psicologia: o pensamento fenomenológico existencial de Karl Jaspers* mostra-se que o filósofo “transita da Psicologia para a Filosofia, disposto a chegar a uma nova teoria da realidade pelo estudo dos fundamentos da percepção e dos processos de fundamentação da consciência” (CARVALHO, 2006, p. 10).

14 Na *Psicopatologia Geral*, Karl Jaspers explica que a descrição científica dos fatos psicológicos não esgota as possibilidades do homem. Nenhuma ciência pode fazê-lo, ele diz: “também a concepção global do clínico não apreende empiricamente a totalidade do homem. Sempre o homem é algo mais do que se pode conhecer” (JASPERS, 1979, p. 63).

O extraconsciente se apresenta sob diversas formas: como disposições adquiridas da memória, hábitos e atitudes adquiridos, como predisposições: seja de habilidade ou de caráter. Muitas vezes uma pessoa tem consciência de que uma vivência proveniente de suas próprias profundezas extra conscientes desconhecidas se lhe opõe ou domina (JASPERS, 1979, p. 22).

Outra contribuição fundamental no emprego do método fenomenológico na psicologia foi elaborada por Victor Frankl. Frankl é um médico psiquiatra que viveu a terrível experiência de prisioneiro de campo de concentração. O livro de Victor Frankl intitulado *A questão do sentido em psicoterapia* trata da seguinte questão: possui a vida humana um sentido? Esta questão também aparece de muitos modos na vida rotineira: será que a finitude da existência aniquila seu sentido? O sofrimento físico e mental contribui para a elaboração do sentido ou o destrói? Como pensar o sentido diante daquilo que nos acontece? A pergunta é essencialmente filosófica, mas o assunto tem implicações psicológicas. Frankl estende as consequências da meditação fenomenológica para a Psicologia ao colocar a questão do sentido como problema psicológico. Entender o modo como filosoficamente Frankl pensa o problema do sentido e depois como estende tal entendimento à Psicologia é sua marca. Noutro trabalho já comentamos o assunto como se segue:

Na terceira conferência do livro Frankl examina o comportamento dos presos no Campo de Concentração. Em seu trabalho diário estes homens sofridos e doentes pensavam apenas no prato de sopa que lhes seria servido à noite. Não tinham as preocupações comuns das pessoas como ir ao trabalho, pagar as contas da casa, levar os filhos na escola. Esta perda da vida singular e da própria história começava com a chegada do prisioneiro no Campo. Do preso eram retirados todos os pertences, ficavam somente os óculos e o suspensório. Até o cabelo era raspado. Junto com os pertences retidos era como se o seu passado também ali fosse entregue, diz o autor: “ele toma como inexistente toda sua existência até o presente” (p. 98). Passada a fase da eliminação do passado o homem cai numa existência indigna, especialmente quando se dedica a autoconservação ele perde a dinâmica da vida interior. Então ele se torna um animal disputando alimento, sonha com o prato de comida e maltrata os mais fracos. Ele se faz um animal de manada, esconde-se no meio dos demais para não ser notado (...). Mesmo sendo esta a atitude mais comum entre os prisioneiros, havia alguns que “ao invés de regredir, progrediram muito mais interiormente” (p. 100). Quais eram os homens que conseguiam manter a dignidade e até elevar-se espiritualmente em circunstância tão desfavorável? Aqueles que possuíam uma direção, um apoio transcendente à própria vida. “Esse apoio podia existir de duas formas: ou tratava-se de um apoio no futuro, ou tratava-se de um apoio na eternidade” (p. 101). Daí a comprovação prática da importância do sentido conclui o autor “lembrando as palavras de Nietzsche, que certa vez pronunciou a seguinte frase: quem tem um

porque para viver, suporta quase tudo como (...) (como – são aquelas circunstâncias de vida que faziam tão difíceis a vida no Campo)” (CARVALHO, 2011, p. 182/3).

Frankl trata a questão do sentido como algo fundamental para a vida da pessoa e mostra como aqueles temas do existencialismo: dramas da existência, angústia e transcendência se transferem para a psicologia humana e são aí vividos de uma outra forma. Não são questões teóricas com as quais se descreve a condição humana, mas sofrimento real.

## 8. Considerações finais

A fenomenologia existencial foi fundamental em nosso país. Primeiro porque, como esclareceu Creusa Capalbo em seu livro, a noção de cultura se beneficia dos estudos fenomenológicos. Na clássica obra de Miguel Reale, *Experiência e Cultura* (2000) ele explica, no capítulo V, como partiu da fenomenologia para elaborar a noção de ontognoseologia e daí para a ideia de cultura como objetivação de valores. O culturalismo brasileiro é uma das mais importantes contribuições brasileiras para a filosofia ocidental e a fenomenologia desempenha papel fundamental na suas formulações atuais e mais representativas.

Para quem se debruça sobre a obra de Karl Jaspers fica claro que seu interesse pela fenomenologia decorre das dificuldades que enfrentava como médico psiquiatra<sup>15</sup>. Muitos filósofos entenderam que a fenomenologia oferecia base conceitual sólida, capaz de servir como fundamento para as ciências humanas entre os quais psicólogos e psiquiatras. No Brasil, Nilton Campos, como também diretor do Instituto de Psicologia da antiga Universidade do Brasil (atual UFRJ), divulgou o uso do método fenomenológico na Psicologia e não foi o único, é importante recordar os trabalhos de Antonio Gomes Pena, Eustáquio Portela, Élon Arruda, Nelson Pires e Isaias Paim<sup>16</sup>.

A filosofia e a psicologia brasileiras valeram-se muito do método fenomenológico. Entre os representantes da fenomenologia mais estudados no Brasil estão Husserl, Scheler, Jaspers, Heidegger, Merleau-Ponty e Sartre. No campo da psicologia humana, a fenomenologia ajudou a entender as alterações comportamentais pela compreensão da consciência. Recentemente o

---

<sup>15</sup> Diz Jaspers no ensaio *Mi camino a la Filosofia* que a fenomenologia de Husserl foi muito importante como método, “porque podia aplicá-la para descrever as vivências dos enfermos mentais” (JASPERS, 1951, p. 240). E mais tarde quando encontrou o filósofo e se queixou que não entendia bem a fenomenologia ouviu dele: “você faz excelente fenomenologia em seus escritos. Não necessita saber o que ela é se a faz tão bem. Siga em frente” (*idem*, p. 241).

<sup>16</sup> No livro *Curso de Psicopatologia*, Isaias Paim explica a importância do método fenomenológico como forma de ter entre as próprias vivências aquelas captadas do paciente. A empatia permite sentir o objeto da consciência do outro e ajudá-lo de forma mais qualificada. Tais objetos são de três tipos, ele explica: “a. aqueles que conhecemos por nossa própria experiência, b. fenômenos que são acentuações, diminuições ou contaminações pessoais, c. fenômenos que se caracterizam pelo fato de não poderem ser representados no espírito de maneira compreensiva só podendo ser abordados, no máximo, por analogia” (PAIM, 1980, p. 15).

desenvolvimento da Filosofia Clínica mostra outra técnica de ajuda psicológica que trabalha com os pressupostos fenomenológicos, em especial: o respeito ao homem, a importância da história de vida na compreensão da relação entre a pessoa e o mundo, a liberdade pessoal e a singularidade existencial desenvolvidos pela *empatia*<sup>17</sup> mencionada no Caderno Clínico 1 do criador da técnica e desenvolvida pela psicologia fenomenológica<sup>18</sup>.

### Referências:

- ARAÚJO, Luís de. *Sentido existencial da filosofia*. Porto: Rés-editora, s.d.
- CAPALBO, Creusa, *Fenomenologia e Ciências Humanas*. Londrina: EDUEL, 1996.
- CARVALHO, José Mauricio de. *A ideia de filosofia em Delfim Santos*. Londrina: Eduel, 1996.
- \_\_\_\_\_. Resenha de *Fenomenologia e Ciências Humanas. Crítica*. Londrina: Eduel, v.6, n. 23, p. 441-449, abr./jun. 2001.
- \_\_\_\_\_. *História da filosofia e tradições culturais*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Filosofia e Psicologia: o pensamento fenomenológico existencial de Karl Jaspers*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Estudos de filosofia clínica; uma abordagem fenomenológica*. Curitiba: Ibplex, 2008.
- \_\_\_\_\_. Resenha de *A questão do sentido em psicoterapia. Argumentos*. Fortaleza: UFC, v.3 n.5, p. 180-184, jan./jun. 2011.
- CASCALÈS, Charles. *L' humanisme d'Ortega y Gasset*. Paris: Presses Universitaires de France, 1957.
- DEPRAZ, Natalie. *Compreender Husserl*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GARAUDY, Roger. *Perspectivas do homem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- GARCÍA, Sônia Ester Rodríguez. Ortega, fenomenólogo. *Revista de Estudios Orteguianos*. Madrid: Fundación Ortega y Gasset. v. 24, p. 218-222, mayo de 2012.
- HALL, Calvin S.; LINDZEY, Gardner. *Teorias da Personalidade*. São Paulo: EPU, 1973.
- HUSSERL, Edmund. *Meditaciones cartesianas*. Madrid: Tecnos, 1986.

<sup>17</sup> *Empatia*, como é entendida aqui, remete aos estudos de Teodoro Lipps que a empregou para referir-se à experiência estética. Como tal não interessa muito, mas o raciocínio pode ser estendido às experiências de outrem pela reprodução em nós dos objetos da consciência dele.

<sup>18</sup> Para o conhecimento do assunto leia *Estudos de Filosofia Clínica, uma abordagem fenomenológica* (2008) e *Filosofia Clínica e Humanismo* (2012). No primeiro deles lê-se: “Desde a publicação de Filosofia Clínica, estudos de fundamentação (2005), trabalhamos com a hipótese de que a filosofia clínica é uma técnica de ajuda pessoal” (CARVALHO, 2008, p. 11).

\_\_\_\_\_. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. Introdução de Urbano Zilles. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

JASPERS, Karl. *Mi camino a la Filosofia. Balance e Perspectiva*. Madrid: Alianza, 1953.

\_\_\_\_\_. *Psicopatologia Geral*. v. I, Rio de Janeiro: Atheneu, 1979.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao pensamento filosófico*. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

\_\_\_\_\_. *Iniciação filosófica*. Lisboa: Guimarães, 1987.

\_\_\_\_\_. *Razão e contra-razão no nosso tempo*. Prefácio de Delfim Pinto dos Santos. Lisboa: Minotauro, s.d.

LANA, Fabiano Sabino de. *Riobaldo agarra sua morte*. São Paulo: Annablume, 2010.

LÉVINAS, Emmanuel. *En découvrant l'existence, avec Husserl e Heidegger*. Paris: Vrin, 1949.

\_\_\_\_\_. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes, 1993.

LODJ, Maria Inêz. A escrita na psicanálise. *Estado de Minas (Caderno Pensar)*, p. 5, 22/07/2006.

MARÍAS, Julian. *Acerca de Ortega*. Madrid: Espasa-Calpe, s.d.

ORTEGA Y GASSET, José. *Que é filosofia?* Rio de Janeiro: Iberoamericana, 1971.

\_\_\_\_\_. La idea de principio em Leibniz y la evolución de la teoria deductiva. *Obras Completas 2*. reimpressão. v. VIII, Madrid: Alianza, 1994.

PAIM, Isaías. *Curso de Psicopatologia*. 8. ed., São Paulo: Ciências Humanas, 1980.

SALA, Javier San Martin. Ortega como fenomenólogo. In: AMOEDO, M.; BARROS DIAS, J. M.; DELGADO, A. *José Ortega y Gasset; leituras críticas no cinquentenário da morte do autor*. Évora: Imprensa da Universidade, 2007.

SARTRE, Jean Paul. *O ser e o nada*. Petrópolis: Vozes, 2003.

## Phenomenological trajectory

**Abstract:** In this article we study the emergence of phenomenology as a method of study and philosophy, it shows the difficulties that it tried to answer, the solutions that it developed and its use as the foundation of human sciences, especially psychology.

**Keywords:** Philosophy; Phenomenology; Humanities.

Data de registro: 15/09/2012

Data de aprovação: 28/02/2013